

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

O IDOSO E A FAMÍLIA:
INVESTIGAÇÃO SOBRE A DINÂMICA DOS PAPÉIS SOCIAIS

LUCIA HELENA DA SILVA ZANI

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

O IDOSO E A FAMÍLIA:
INVESTIGAÇÃO SOBRE A DINÂMICA DOS PAPÉIS SOCIAIS

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Vera Lucia Valsecchi de Almeida.

LUCIA HELENA DA SILVA ZANI

2007

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processo de fotocopiadoras ou eletrônicas.

Assinatura: _____ São Paulo, 21 de Agosto de 2007

ATITUDE AGRADECIDA

Para se sentir verdadeiramente agradecido, é preciso reconhecer que os recursos naturais estão á disposição de todos e devem ser bem utilizados. Sinta-se participante da abundância divina.

Sônia Café

Nunca se esqueça de aplaudir sua platéia interna.

J.L.Moreno

AGRADECIMENTOS

*“Vestir de gratidão a obra gerada, para poder sentir as alegrias de seu nascimento”.*¹

A Deus, que me iluminou e me fortaleceu, para trilhar esse caminho tortuoso, fazendo chegar ao objetivo.

À memória de Otávio, meu primeiro herói, papai, e meu irmão “Otávio” que me levou a pesquisar as transferências dos papéis desenvolvidos, através dos caminhos inanimados.

A você meu marido, único e verdadeiro amor – Lucio - nesses vinte e sete anos de convivência, a paciência que demonstrou durante um período que parecia que eu me interessava mais pelo envelhecimento do que pela família, apoiando e incentivando quando eu confessava que estava frágil e desmotivada. E se por um lado fazia críticas severas, por outro elucidava caminhos ou até mesmo ia à frente me auxiliando nessa trajetória.

Thiago Zani, meu único filho, que é a razão de todo meu esforço, plantei semente “do ser acadêmico”, acreditando ser esse o único caminho para a transformação do mundo.

Mamãe Helena que comprova diariamente, a existência de um novo modelo de envelhecer e confessa que o faz através de meus conhecimentos.

¹ Gomes, Marly Elbi Matinato (Melbi), Folhas douradas do outono.

Aos meus irmãos Cristina e Carlos, que mesmo sem entender a dinâmica de minha vida, não me cobravam a presença.

A minha nora Juliana que entrou na vida de meu filho no momento que eu estava terminando esse sonho.

Aos idosos, em especial os protagonistas dessa dissertação: Jandira Lopes de Araújo, Carolina Ártemis Cardoso e Ema Duzilla Lencione da Rocha e familiares que foram a fonte inspiradora para a realização dessa pesquisa. Especialmente a Família Gomes, que acreditou no meu cunho profissional, deixando sob minha responsabilidade uma geração: Sr.^a Tercilde.

À Prof^a Dr^a Vera Lucia Valsecchi de Almeida, que através de um olhar fomos construindo uma história, e que na orientação desse trabalho, com suas observações e sugestões oportunas proporcionou o apoio e estímulos indispensáveis para levá-lo a termo.

À Mariângela Faggionato dos Santos, que não pensou em me apoiar e sim me apoiou nos momentos angustiantes que vivi.

À Aida Braga da Luz que mostrou a importância desse caminho.

À Enfermeira Mery Aidar Bassi, companheira da primeira formação profissional, e de quem carrego seus ensinamentos na minha postura de vida.

À Sueli Araújo, que quando os nós estavam atados, com sua sutileza os desatou e, ainda, favoreceu a participação de sua mãe como sujeito dessa pesquisa.

Ao programa de gerontologia Social da PUC, em especial à Prof^a Dr^a Úrsula Margarida S. Karsch de quem sinto orgulho em ter recebido ensinamentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo financiamento proporcionou a concretização desse sonho.

À Associação dos Pós-Graduandos da PUC-SP (APG), em especial à Iara MachadoTeixeira Andrade e Roberval Marcelo Machado da Silva, que disponibilizou os recursos existentes na Associação para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Às amigas Ana Lucia Graciani, Cláudia Cristina Mussolini, Maria Rita Cardoso Gomes, Maria Bernadete Maciel e Tizuko M. Sakata.

Em especial a Família Gomes, que acreditou no meu cunho profissional, deixando sob minha responsabilidade uma geração: Sr.^a Tercilde.

À Banca Examinadora: Prof^a Dr^a Elizabete Frohlich Mercadante, Coordenadora do Programa de Gerontologia Social – Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP e Prof^a Dr^a Ligia Ferreira Gomes da Universidade de São Paulo – USP, que gentilmente aceitaram participar dessa jornada.

A todos que, direta ou indiretamente, me incentivaram na realização desse trabalho.

A maior revolução de nossos tempos é a descoberta de que ao mudar as atitudes internas de suas mentes, os seres humanos podem mudar os aspectos externos de suas vidas.

William James

RESUMO

O objetivo central desta dissertação foi investigar, a partir do binômio “família e idoso”, a dinâmica dos papéis sociais presentes nas relações familiares. De há muito a família constitui-se como um *lócus* privilegiado de trocas relacionais e afetivas que envolvem, via de regra, diferentes gerações. No entanto, na condição de fato social e cultural, a instituição família acompanha as transformações que, radicadas na economia e na política, desdobram-se em novos arranjos familiares e em alterações significativas nos “lugares” ocupados e nos papéis desempenhados por homens e mulheres, crianças, jovens e idosos. Desdobram-se, igualmente, no tamanho das unidades familiares. Na atualidade, o modelo de família hegemônico é o “nuclear”, não sendo poucas as unidades familiares menores que a nuclear. As mudanças na composição e na estrutura da família, somadas ao expressivo aumento da população idosa, vêm impondo inúmeros desafios tanto para as famílias, quanto para aqueles que envelhecem. Apesar dos idosos que, por opção pessoal ou por necessidade, residem em Instituições de Longa Permanência, não são poucos os que moram com familiares, quer como chefes de família, quer como dependentes dos que os “acolhem”. Como vivem os idosos que moram com filhos e/ou outros parentes? O que se espera deles? O que os idosos esperam dos que compõem a unidade familiar? Como se desenvolvem as relações intergeracionais no interior das unidades familiares? Estas foram as indagações que nortearam a investigação realizada. Para a pesquisa de campo a opção recaiu sobre a metodologia qualitativa. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da entrevista em profundidade. Menos que a quantidade de entrevistas, importou o estabelecimento de relações que, ao lado de darem voz aos sujeitos, permitiram o acesso a um conjunto significativo de informações, sentimentos, alegrias e tristezas presentes em três tipos de vivência familiar.

Palavras-Chave: Sociedade Moderna, Família, Idoso, Status, Papel, Gerações.

ABSTRACT

The central objective of this dissertation was to investigate, from the binomial "aged and family", the dynamics of the social papers presents in the familiar relations. Of place privileged of relationary and affective exchanges has very the family consists as one that involve, usually, different generations. However, in the condition of social and cultural fact, the institution family folloies the transformations that, consolidated in the economy and the politics, are unfolded in new familiar arrangements and significant alterations in the "busy places" and in the roles played for aged men and women, children, young. They are unfolded, equally, in the size of the familiar units. In the present time, the hegemonic model of family is the "nuclear one", not being few the lesser familiar units that the nuclear one. The changes in the composition and the structure of the family, added to the expressive increase of the aged population, come in such a way imposing innumerable challenges for the families, how much for whom they age. Despite the aged ones that, for personal option or necessity, they inhabit in Institutions of Long Permanence, they are not few the ones that live with familiar, wants as family heads, want as dependents of whom "they receive them". How live the aged ones that children and/or other relatives live with? What one expects of them? What the aged ones wait in that they compose the familiar unit? How are developed the relations between the different generations in the interior of the familiar units? These had been the investigations that had guided the carried through inquiry. For the field research the option fell again on the qualitative methodology. For the collection of data the technique of the interview in depth was used. Less than the amount of interviews, it imported the establishment of relations that, to the side to give voice to the citizens, had allowed the access to a significant set of information, feelings, joys and sadnesses present in three types of familiar experience.

Keywords: Modern Society, Family, Aged, Status, Roles, Generations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I - O ENVELHECIMENTO NO BINÔMIO IDOSO & FAMÍLIA	21
1 - DESCRREVENDO A FAMÍLIA	23
2 - IDOSO E COMPLEXIDADE	31
3 - A CIRCULARIDADE DOS PAPÉIS SOCIAIS NA FAMÍLIA	44
4 - A DINÂMICA NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	50
II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
1 – MÉTODO QUALITATIVO	61
III - O CENÁRIO	71
IV - OS PROTAGONISTAS	77
V- RESULTADOS E ANÁLISE	80
VI - APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS	89
BIBLIOGRAFIA	95
ANEXOS:	103
➤ TERMO DE CONSENTIMENTO	105
➤ REGISTROS FOTOGRÁFICOS	108

ATITUDE REVERENTE

Vá a um templo, ou a algum lugar que considere sagrado, e sinta reverentemente a presença do silêncio.

Faça alguma coisa pelos mais idosos e os de pouca idade. Aja, sinta ou pense em alguma coisa que pode trazer alegria para eles.

Sônia Café

INTRODUÇÃO

Assim como o envelhecimento ativo depende única e exclusivamente de cada idoso, a realização do nosso sonho está centrada nas nossas escolhas, conciliando desejo e ação.

Lucia Zani

O interesse em investigar as relações estabelecidas e/ou construídas nos núcleos familiares, bem como os papéis desempenhados por cada um de seus participantes, é produto da minha atuação junto a idosos e a seus respectivos familiares, como Assistente Social.

Entretanto, a mola propulsora dessa pesquisa foi investigar o papel desempenhado, no presente, pelo idoso que, no passado, vivia em famílias cujos papéis eram fixos e previsíveis. Atualmente, com a desconstrução desse modelo de família, os papéis foram alterados e as posições, homem/mulher, pais/filhos, avôs/avós, desdobraram-se em significativas mudanças nas relações intergeracionais.

Segundo Coutinho (2006:101):

Hoje entende-se que a velhice, assim como a infância, a adolescência e a maturidade, mais do que simples fases da vida são categorias socialmente construídas, que só alcançam seu pleno sentido através de um discurso.

O envelhecimento tem, no entender de Beauvoir, uma dimensão muito maior, existencial, com o poder de modificar a relação do homem com o tempo, com o mundo e com sua própria história de vida, revestindo-se tanto de características biopsíquicas como sociais e culturais.

Os desafios relacionados ao envelhecimento da população têm diversas dimensões e dificuldades, o que não permite negligenciar a questão da inclusão do idoso na comunidade. O envelhecimento populacional acelerado vem influenciando o consumo, a transferência de capital e propriedades, os impostos, pensões, o mercado de trabalho, a saúde, a composição e organização da família.

A crise econômica que traz, em seu bojo, a precarização do trabalho, soma-se, no Brasil, ao parco orçamento do idoso e à responsabilidade pelo sustento dos familiares mais jovens, que perderam seus empregos ou não conseguem colocação no atual e perverso mercado de trabalho.

Por seu turno, as políticas públicas de atenção ao idoso se relacionam com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural, bem como com a ação reivindicatória dos movimentos sociais. Um marco importante dessa trajetória foi a Constituição Federal de 1988 que introduziu, em suas disposições, o conceito de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social alterasse o seu enfoque: de uma visão estritamente assistencialista, para uma visão ampliada de cidadania.

A partir daí a legislação brasileira procurou se adequar a tal orientação, embora ainda faltem algumas medidas. A Política Nacional do Idoso, regulamentada em 1994, através da Lei 8.842, criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação

efetiva como instrumento de cidadania. Essa lei foi reivindicada pela sociedade, como resultado de inúmeras discussões e consultas ocorridas nos estados, e que contaram com a participação de idosos ativos, aposentados, professores universitários, profissionais da área de gerontologia e geriatria e várias entidades representativas desse segmento, que elaboraram um documento que se transformou no texto base da lei.

Entretanto, a legislação não é aplicada na sua totalidade em virtude das contradições dos textos legais, além do desconhecimento e da dificuldade de compreensão de seu conteúdo pelos próprios idosos.

No Brasil, as dificuldades para a aplicação da legislação pertinente começam com a definição de “idoso” para fins de proteção. Pois há controvérsias na própria legislação: a Constituição Federal menciona o limite de 65 anos, mas na Política Nacional do Idoso esse limite é de 60 anos - conforme é adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Já o Código Penal brasileiro menciona a idade de 70 anos.

Às entidades públicas compete a obrigação, dentre outras, de estimular a criação de locais de atendimento aos idosos, centros de convivência, casas-lares, oficinas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros; compete, também, apoiar a criação de universidades abertas para a terceira idade e impedir a discriminação do idoso, especialmente no que se refere à participação deste no mercado de trabalho.

Entretanto, necessário se faz que tais ações tenham como foco principal os interesses dos idosos e não de terceiros que se aproveitam dessa população para se autopromoverem.

As mudanças de valores e a redefinição do trabalho, resultantes da modernização têm impacto nas hierarquias familiares; são mudanças que alteram, conseqüentemente, a organização familiar e fazem surgir novos papéis dentro de um sistema de solidariedade, limitando a capacidade de funcionar como uma instituição de assistência.

Com a perda da capacidade assistencial da família e a politização de assuntos antes privados surgiram novas formas de organização dos indivíduos em unidades de convivência; formas diferentes da família nuclear estável e nem sempre ajustadas às normas e valores socialmente estabelecidos.

Estas novas formas de organização contribuem para a viabilização do modelo societário instituído. É o caso das repúblicas de estudantes que se estenderam aos profissionais em início de carreira, das moradias em flats e similares, de mulheres que cuidam de várias crianças de famílias pobres, enquanto as mães trabalham, como uma babá coletiva e informal, dos escritórios em domicílio etc.

Não há como desconsiderar, aqui, as muitas transformações relativas aos “lugares sociais” das mulheres, antes confinadas a casa; “lugares” como

o trabalho doméstico, a educação dos filhos e a ocupação do tempo livre fora do domicílio, a atenção aos idosos sob a perspectiva da longevidade e da diminuição do tamanho das famílias.

Com essa investigação tivemos a oportunidade de refletir, através do olhar do próprio idoso, as relações entre os idosos e suas respectivas famílias, as diversas modalidades de relações que os envolvem; os papéis desempenhados por uns e outros e as representações da velhice entre idosos.

No primeiro capítulo - **IDENTIFICANDO O ENVELHECIMENTO NO BINÔMIO IDOSO & FAMÍLIA** – considerando a diversidade dos assuntos abordados e a relevância do tema, optou-se pela subdivisão em quatro sub-capítulos, a saber:

- **Descrevendo a família** - mostrando a evolução da família desde a Antiguidade até os dias atuais.
- **Idoso e Complexidade** – conceituando ser idoso e todas as especificidades que o envolvem.
- **A Circularidade dos Papéis Sociais na Família** - identificando os diversos papéis desempenhados da infância à maturidade.
- **A Dinâmica nas Relações Intergeracionais** – Elucidando as conseqüências da velhice entre as gerações e desmistificando o envelhecimento, sob um novo olhar.

No segundo capítulo descrevemos os **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS** adotados.

Na pesquisa que embasa este trabalho utilizamos o método qualitativo, com ênfase na história oral através da aplicação de questionário semi-estruturado e do uso da técnica do gravador.

No terceiro capítulo - **O CENÁRIO** – apresentamos um breve histórico do município de São José dos Campos, minha cidade natal e onde vivem os protagonistas desta investigação.

No quarto capítulo apresentamos **OS PROTAGONISTAS** deste trabalho que, através de seus depoimentos, abriram suas vidas.

No quinto capítulo – **RESULTADOS** e **ANÁLISE** – apresentamos nossa interpretação a partir dos depoimentos colhidos num exercício que foi prazeroso para os protagonistas e produtivo para o entrevistador.

Não tivemos a pretensão de chegar a conclusões acabadas e definitivas sobre o assunto; assim apresentamos, no capítulo seis, o que denominamos de **APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS**.

Finalizando apresentamos a **BIBLIOGRAFIA**, constituída de todo material utilizado como suporte teórico-analítico utilizado nesta dissertação, e os dois **ANEXOS**.

I
**O ENVELHECIMENTO no BINÔMIO
IDOSO e FAMÍLIA**

ATTITUDE ORGANIZADA

Administre melhor o seu tempo. Reconheça a cada momento as prioridades da sua vida.

Note as diferentes maneiras de organizar as coisas. Sinta as pessoas, os eventos a partir da ordem interior que cada um representa no universo multifacetado em que vivemos.

Sônia Café

***“ Quem disse que o corvo
é negro e feioso?
Saibam que ele retribui
o amor de seus pais***

***Alimentando-os
quando velhos.
Não é mesmo
de admirar?***

***O homem não chega
aos pés do corvo
Este é o motivo
do meu lamento.”¹***

¹Goldim, José Roberto in **Bioética, Relações Familiares e Envelhecimento**
<http://www.ufrgs.br/bioetica/gerfam.htm> . Consultado em 30 de abril 2007

A família, como é conhecida nos dias de hoje, não apareceu de repente. É fruto de um longo processo evolutivo que vem ocorrendo através dos tempos. No entanto, podemos afirmar que foi “*entre os romanos que a família consolidou-se como instituição e apresentou as mais significativas variações e transformações*”. (OSÓRIO, 1996: 37).

Era uma família estruturada no modelo do Estado, ou seja, o pai exercia autoridade suprema (*pater familias*) seguindo leis pré-estabelecidas (*judicia domestica*) a serem obedecidas de forma rigorosa, para fazer-se respeitar enquanto instituição social. Cada família tinha seus próprios cultos e cerimônias.

Na Europa pré-feudal, destaca-se a igualdade dos sexos entre os celtas, “*as mulheres participavam ativamente na vida tribal, não só na paz como na guerra*” (OSÓRIO, 1996:39), onde combatiam ao lado dos homens na defesa de suas terras. Esse cenário mudou com o domínio do Império Romano, quando a família celta passou a ter a estrutura patriarcal, sem deixar, entretanto, de conceder autonomia às mulheres, o que não era encontrado em outros povos.

Na Idade Média, na Europa, as crianças eram confiadas aos Mestres. Segundo ARIÈS (1986:226), era “*especificado que o mestre deveria ‘ensinar’ a criança ‘mostrar-lhe os detalhes de sua mercadoria’, o que deveria ‘fazê-la*

freqüentar a escola". No entanto, a criança tinha por principal obrigação servir ao mestre.

Dessa forma,

O serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) limites entre a profissão e a vida particular. (ARIÈS, 1986:228)

Nesse cenário, não havia na família sentimentos existenciais profundos, embora isso não significasse a ausência de amor entre pais e filhos. A preocupação dos pais prendia-se ao quanto de retorno os filhos poderiam lhes proporcionar.

No Brasil, no início da colonização, segundo Coutinho (2006:91), *"a família - baseada em uma união legalizada - praticamente inexistia..."*.

As primeiras famílias brasileiras, de fato, se formaram a partir da concessão das sesmarias², e segundo Antonio Cândido (apud COUTINHO 2006:92) constituía-se de:

[...] um núcleo central, legalizado, composto pelo casal branco e por seus filhos legítimos;

² Terreno abandonado ou inculto que os reis de Portugal cediam aos novos povoadores.

e um núcleo periférico, nem sempre bem delineado, constituído de escravos e agregados, índios, negros, mestiços, no qual estavam incluídas as concubinas dos chefes e seus filhos ilegítimos.

Eram, então, famílias numerosas e o poder e a autoridade eram centralizados na figura paterna que, segundo Costa (apud COUTINHO 2006:92) *“era o pai que, defendendo o grupo, determinava o grau de instrução, a profissão, as escolhas afetivas e sexuais de seus dependentes”*.

A família patriarcal brasileira com características fixas, na qual os personagens são substituídos através das diversas gerações, sem perder sua hegemonia, instalava-se nas regiões onde se desenvolviam as atividades agropecuárias. Esse modelo de família era mantido com a incorporação de novos membros, quais sejam: parentes legítimos e ilegítimos.

Uma grande transformação na família brasileira ocorreu no século XIX, com a chegada da corte portuguesa, quando aumentou o número de trabalhadores assalariados, surgindo *“uma classe média onde antes havia praticamente duas classes sociais”* (Coutinho 2006:93): a nobreza e a plebe. Essa nova classe social veio a fortalecer o poder do Estado.

Nascia, assim, a família conjugal brasileira, com livre escolha do cônjuge, juntamente com uma nova formatação para as funções de homens

e mulheres nas relações matrimoniais, com “*estabilidade garantida pela legislação civil e pelo controle social*” (Coutinho, 2006:93).

O fim da II Guerra Mundial, nos anos 1950 do século XX, marcou a modernização da família no Brasil, possibilitando aos indivíduos uma variedade de escolhas.

Ainda, segundo Coutinho, a partir de relações mais igualitárias, decorrentes de mudanças na estruturação das famílias, o diálogo passa a substituir a obediência e o respeito cego e hierárquico aos mais velhos.

As transformações econômicas, sociais e culturalmente re-atualizadas e que conferem novos contornos à sociedade, impõem a substituição dos modos de conceber a velhice e de atuar junto dela.

A grave crise econômica dos anos 80, a chamada década perdida, esboçou um perfil provavelmente novo no núcleo familiar. Tudo indica que os diversos papéis exercidos no âmbito da família sofrem diretamente as conseqüências do novo modelo societário, marcado por claras carências conjunturais e estruturais. A distribuição injusta e centralizadora de renda penaliza a vida do brasileiro, exigindo estratégias de sobrevivência aparentemente surpreendentes: novas formas de acomodação eclodem, novos atores sociais emergem, novos movimentos sociais trazem à tona questionamentos essenciais. (Quintas, 1994)

A despeito dos inúmeros conceitos de família, nas mais diversas áreas do conhecimento, adotaremos, no presente trabalho, não um único conceito, mas respeitaremos os novos modelos variáveis e mutáveis de famílias resultantes das diversas transformações ocorridas nas relações sociais.

Partimos da noção de que:

A família é o lugar da repetição e da continuidade, da diferenciação, da construção da rede de afeto, do sentido de pertencimento, é a matriz da identidade. Transita no aqui e agora e na sua historicidade. É o lugar da história compartilhada por um grupo de pessoas vinculadas por laços consangüíneos, consensuais, jurídicos, constituindo uma rede de afeto. (CASTILHO, 2006, s.p)

Além disso, segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus integrantes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal.

É no espaço familiar que os valores éticos e humanitários são absorvidos, e os laços de solidariedade são aprofundados. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Ou seja,

As instituições são normatizadoras e controladoras da conduta humana, essas normas e padrões de comportamento são intituladas como controle social, implícito na sociedade. Ao definirmos instituição que está inserida e regulamentando a sociedade, consideramos a Família uma instituição, que é a mola propulsora da sociedade, sociedade esta que está em constante processo de mudança, nesse enfoque a instituição família acompanhou a evolução dos sistemas políticos e econômicos, sendo causa e consequência da história e dos acontecimentos sócio culturais que caracterizaram cada um desses sistemas. (Ariès, 1973,97).

E, é nesse cenário, que encontramos o idoso, protagonista dessa investigação, a fim conhecer e refletir acerca das condições que o envolvem em suas relações familiares, já que, apesar das transformações e das diferenças, a família ainda é quem provê os cuidados básicos para o grupo social e para as pessoas, especialmente no que tange à reprodução, socialização, cuidado, proteção e ajuda econômica.

Da velhice ninguém escapa, a não ser os que morrem antes; então vamos tentar aceitá-la, mas implorando a Deus que com a cabeça funcionando”.

As dores, por piores que elas sejam, dá para suportar, só não dá é para viver com a mente que não funciona mais.

Quando isso acontece, a pessoa se torna uma estranha, e não há nada mais doloroso do que olhar para alguém que você amou tanto e não reconhecê-la mais e nem ela a você. O gostar se transformou em dor, pena e culpa, talvez maiores do que ela tivesse morrido.

Danuza Leão³

³ Fonte: Jornal Valeparaibano. Ed. 07/01/2007 – São José dos Campos

O envelhecimento é um processo natural, inevitável, irreversível e nem sempre associado a uma doença. Portanto, não deve ser tratado apenas com soluções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais.

Por outro lado,

A “terceira idade” também é uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Sua invenção implica a criação de uma nova etapa na vida que se interpõe entre a idade adulta e a velhice e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados, encarregados de definir e atender as necessidades dessa população. (Debert, 1998:53).

Assim, nasceram no século XX, na sociedade ocidental, a Geriatria e a Gerontologia, especialidades que estudam o processo de envelhecimento e toda a sua complexidade.

Gerontologia é o estudo do processo de envelhecimento, com base nos conhecimentos oriundos das ciências biológicas, psicocomportamentais e sociais. No breve período de sua existência, vêm se fortalecendo dois ramos igualmente importantes: a Geriatria, que trata das doenças do envelhecimento; e a Gerontologia Social, voltada aos processos psicossociais manifestados na velhice. (Salgado, 1982:23)

No que se refere à Geriatria e à Gerontologia, muitas vezes é possível verificar o seu parcelamento. A primeira especialidade surgiu a partir da segunda, tornando difícil o mais importante, que é cuidar do ser humano que envelhece ou já envelhecido, ajudando-o a conquistar uma melhor qualidade de vida, nessa fase do seu viver.

Isso leva a apreender a Gerontologia como uma ciência ampla, que abriga tanto a Geriatria, como a Gerontologia Social. Parece evidente que a explicitação e a análise da sua cientificidade contribuirão para esclarecer o seu padrão de construção, a sua configuração e a sua especificidade enquanto ciência.

Dessa forma, a Gerontologia não seria uma disciplina unificada, mas um conjunto de disciplinas científicas que intervêm junto à pessoa idosa e que necessitam empreender esforços interdisciplinares que excedem seus próprios limites para criar concepções diferenciadas sobre o idoso e a sua complexidade.

Papaléo Netto (2002) propõe a criação de uma outra área, que viabilize de forma mais completa a Gerontologia e que poderia ser denominada de Ciência do Envelhecimento, fomentando pesquisas interdisciplinares que potencializarão a gestão das questões que envolvem o

envelhecimento em todas as suas especificidades, bem como a construção do conhecimento.

Concordamos com o autor e entendemos que através da Ciência do Envelhecimento, poder-se-ia estudar o ser humano desde a concepção até a finitude. O que ofereceria maiores possibilidades de desenvolvimento da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, por meio da inter-relação das faixas etárias e das relações intergeracionais, considerando-se o curso de vida do ser humano, a sua totalidade e sua integração consigo mesmo, com o outro e com o universo.

Apesar de a idade cronológica ser um indicador pouco preciso da velhice, é importante quando pensada como ponto de partida para a definição de políticas públicas e sociais. Por outro lado, é também fundamental para ações epidemiológicas que visam tanto a prevenção de doenças típicas da longevidade, como o controle e o tratamento dos agravos da saúde dos idosos.

Sabemos que não se pode definir alguém como “idoso” a partir, apenas, da passagem dos dias, meses e anos vividos; que a velhice representa um conjunto de processos e mecanismos situados nas mais diversas esferas da existência, ou seja, biológica, psicológica, existencial, social, cultural etc. Assim, o ser idoso não pode ser definido só pelo plano cronológico.

Segundo Beauvoir (1990:15),

A velhice não é uma realidade bem definida. Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda conseqüências psicológicas: certos comportamentos são considerados, como característicos da idade avançada. Ela tem também uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca um estado natural; na sua velhice como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence.

As políticas públicas de atenção ao idoso se relacionam com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural, bem como com a ação reivindicatória dos movimentos sociais. Um marco importante dessa trajetória foi a Constituição Federal de 1988 que introduziu, em suas disposições, o conceito de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social passasse de um enfoque estritamente assistencialista, para uma visão ampliada de cidadania.

No Brasil, as políticas públicas caminham lentamente, enquanto a população com mais de sessenta anos vêm aumentando consideravelmente e de forma acelerada. A Antropologia e a Sociologia se tornaram campos específicos de investigação. O envelhecimento tornou-se um problema social em função dos seus reflexos nas atividades econômicas, afetando a estrutura financeira tanto do Estado, como do setor privado e da família.

Mesmo assim, o idoso é lembrado de forma singular nas seguintes situações:

- ✓ na dignificação do ser humano;
- ✓ na promoção do bem-estar,
- ✓ na assistência judiciária;
- ✓ no cumprimento de pena;
- ✓ na indistinação salarial;
- ✓ no não pagamento do imposto de renda referente a aposentadorias e pensões; e
- ✓ com referência a temas diversos.

A partir daí, a legislação brasileira procurou se adequar a tal orientação, embora ainda faltem algumas medidas.

A Política Nacional do Idoso, estabelecida em 1994, pela Lei 8.842, criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania. Essa lei resultou de intensa mobilização de vários setores da Sociedade Civil e de alguns políticos.

A legislação não tem sua aplicabilidade, tendo em vista as contradições dos textos legais e o desconhecimento de seu conteúdo pelos próprios idosos. Analisando o texto, percebe-se que as dificuldades de sua implantação resultam de uma cultura excludente e de ações segmentadas

das políticas públicas brasileiras, que provocam a superposição desarticulada de programas e projetos voltados para um mesmo público. A população idosa é um dos exemplos que mais chama atenção para a necessidade de uma “intersectorialidade” na ação pública, pois os idosos são, muitas vezes, “vítimas” de projetos implantados sem qualquer articulação entre órgãos como educação, assistência social e saúde, e entre os próprios idosos.

O Ministério Público aponta algumas deficiências da Política Nacional do Idoso, tais como:

- ✓ a falta de especificação na lei que contribua para a efetiva criminalização da discriminação, do preconceito, do desprezo e da injúria com relação ao idoso, assim como publicidades preconceituosas e outras condutas ofensivas;
- ✓ dificuldades em tipificar o abandono do idoso em hospitais, clínicas, asilos e outras entidades assistenciais, e
- ✓ falta de regulamentação criteriosa sobre o funcionamento de asilos, sendo necessário que a lei especifique o que essas entidades devem oferecer aos idosos e como fazê-lo.

A prática vem mostrando o interesse crescente de cuidados com os idosos. No entanto, observa-se que se trata de um interesse particular visando a atividade como fonte de renda para aqueles que têm o poder sobre o idoso.

Para o advogado Flávio Croce Caetano, especialista no assunto, um dos grandes problemas da legislação é a definição de “idoso” para fins de proteção. Caetano evidenciou as controvérsias existentes na legislação, citando que a Constituição Federal menciona o limite de sessenta e cinco anos, mas na Política Nacional do Idoso esse limite é de sessenta anos - conforme recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) para os países em desenvolvimento. Já o nosso Código Penal menciona a idade de setenta anos.

A Política Nacional do Idoso tem por objetivo a criação de condições para promover a longevidade com qualidade de vida, colocando em prática ações voltadas não apenas para os que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer; lista, também, as competências das várias áreas e seus respectivos órgãos. A implantação dessa lei estimulou a articulação dos ministérios setoriais para o lançamento, em 1997, de um Plano de Ação Governamental para Integração da Política Nacional do Idoso. Os órgãos que compõem este Plano são:

- ✓ Ministérios da Previdência e Assistência Social,

- ✓ Ministério da Educação,
- ✓ Ministério da Justiça,
- ✓ Ministério da Cultura,
- ✓ Ministério do Trabalho e Emprego,
- ✓ Ministério da Saúde,
- ✓ Ministério do Esporte e Turismo,
- ✓ Ministério do Transporte,
- ✓ Ministério do Planejamento e de Orçamento e Gestão.

Na relação do que compete às entidades públicas, encontram-se importantes obrigações como estimular a criação de locais de atendimento aos idosos, centros de convivência, casas-lares, oficinas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros; apoiar a criação de universidades abertas para a terceira idade e impedir a discriminação do idoso e sua participação no mercado de trabalho. Entretanto, é necessário que tais ações tenham, como foco principal, os interesses dos próprios idosos e não de terceiros que se aproveitam dessa população para se autopromoverem.

Pois,

Se atentarmos para as condições de vida de muitos dos brasileiros com sessenta anos ou mais de idade observaremos, infelizmente quase sem surpresa, o grande hiato que separa a realidade de tudo o que é desejável e esperado; um hiato que, de há muito instalado, explicita-se nos mais diversos âmbitos da existência humana, a exemplo da

saúde, das aposentadorias, pensões e outros 'benefícios', da alimentação, do transporte, do saneamento básico, da acessibilidade, etc. (ALMEIDA, 2005, 94)

O idoso não pode ser considerado um velho adulto, ao contrário; ele é um cidadão que requer atendimento às especificidades resultantes de conhecimentos abrangentes dos efeitos fisiológicos, patológicos, psicossociais e existenciais do envelhecimento sobre os seres humanos. Entendemos, portanto, que com o passar do tempo cronológico, a reserva funcional do ser humano diminui gradativamente, o que torna os idosos, mais suscetíveis às doenças ou aos agravos de saúde.

Fernandes (1997) alerta que, seja qual for a ótica sob a qual se discuta ou escreva acerca da velhice, é desejável respeitar os direitos intangíveis ou intocáveis do cidadão idoso. São direitos que dizem respeito a quatro pontos especiais:

- ✓ Tratamento eqüitativo, através do reconhecimento de direitos pela contribuição social, econômica e cultural, em sua sociedade, ao longo da sua vida;
- ✓ Direito à igualdade, por meio de processos que combatam todas as formas de discriminação;

- ✓ Direito à autonomia, estimulando a participação social e familiar, o máximo possível; e
- ✓ Direito à dignidade, respeitando sua imagem, assegurando-lhe consideração nos múltiplos aspectos que garantam satisfação de viver a velhice.

Inúmeras pesquisas indicam que o envelhecimento é um processo fluido e mutável; que pode ser agilizado, reduzido, parado por algum tempo e até mesmo revertido. Estudos realizados nas três últimas décadas do século XX têm comprovado que o envelhecimento ativo depende muito mais do próprio ser humano do que se imaginou em épocas passadas. Ou seja, as mudanças relacionadas ao processo de envelhecimento podem ser atenuadas através de uma sintonia adequada entre mente e corpo, novos hábitos alimentares, uma significativa relação com o mundo exterior e o exercício do silêncio interior.

Além disso, está comprovado que o grau de desenvolvimento intelectual, verificado por meio do nível de educação formal do idoso, é um fator ligado ao potencial de risco para perdas cognitivas e para o surgimento de quadros demências (RAMOS, 2003). Considerando a existência de um grande número de idosos brasileiros, especialmente mulheres, que não tiveram acesso à educação formal mínima, ou seja, não lêem e não escrevem, ou o fazem com limitações, espera-se, para um futuro bem

próximo, o aumento do número de idosos com quadros demências e, em consequência disto, o aumento da demanda por atendimento com serviços adequados e com profissionais preparados para atendê-los.

A CIRCULARIDADE dos PAPÉIS SOCIAIS na FAMÍLIA

“Um senhor de idade foi morar com seu filho, nora e o netinho de quatro anos de idade. As mãos do velho eram trêmulas, sua visão embaçada e seus passos vacilantes.

A família comia reunida à mesa. Mas, as mãos trêmulas e a visão falha do avô o atrapalhavam na hora de comer. Ervilhas rolavam de sua colher e caíam no chão. Quando pegava o copo, leite era derramado na toalha da mesa. O filho e a nora irritaram-se com a bagunça

“Precisamos tomar uma providência com respeito ao papai”, disse o filho. Então, eles decidiram colocar uma pequena mesa num cantinho da cozinha. Ali, o avô comia sozinho enquanto o restante da família fazia as refeições à mesa, com satisfação.

Quando a família olhava para o avô sentado ali sozinho, às vezes ele tinha lágrimas em seus olhos. Mesmo assim, as únicas palavras que lhe diziam eram admoestações ásperas quando ele deixava um talher ou comida cair ao chão.

O menino de quatro anos de idade assistia a tudo em silêncio. Uma noite, antes do jantar, o pai percebeu que o filho pequeno estava no chão, manuseando pedaços de madeira.

Ele perguntou delicadamente à criança:

- "O que você está fazendo?"

O menino respondeu docemente:

- “Ah, estou fazendo uma tigela para você e mamãe comerem, quando eu crescer”.

Aprendi que ainda tenho muito que aprender...

As pessoas se esquecerão do que você disse... Esquecerão o que você fez... Mas nunca esquecerão como você as tratou”.

(autoria desconhecida)

O ser humano é, por definição, um ser social; ele só é e só existe em meio a outros. A criança vem ao mundo como mero organismo biológico e é por intermédio da socialização que ela desenvolve aptidões e potencialidades, adquire status e papel social, tornando-se, finalmente, um membro da sociedade e da cultura.

Para Guy Rocher, a socialização é:

O processo pelo qual ao longo da vida a pessoa humana aprende e interioriza os elementos sócio-culturais do seu meio, integrando-os na estrutura de sua personalidade sob a influência de experiências de agentes sociais significativos, e adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver. (apud Lakatos, 1987:86)

Os conceitos de “status” e de “papel social” oferecem inúmeras possibilidades interpretativas sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Newcomb, ao conceituar “papel” e sua relação com o “status”, indica que:

As maneiras de se comportar que se esperam de qualquer indivíduo que ocupe certa posição constituem o papel associado com aquela posição... Papéis e papéis prescritos, portanto, não são conceitos que se referem ao comportamento real de qualquer indivíduo considerado. O comportamento do papel, por outro lado,

refere-se ao comportamento real de indivíduos específicos, à medida que assumem os papéis. (apud. Lakatos; 1987:100)

O conceito de *status* envolve maior abstração, já que remete à posição concebida pelo grupo ou pela sociedade que a mantém.

Por outro lado, o conceito de papel refere-se às posições ocupadas e às atividades desempenhadas. Reveste-se de maior concretude e tem como objetivo um vínculo social e retrata o momento histórico.

Em se tratando de idoso, isso se torna mais evidente. Isto porque o aumento da longevidade, conjugado com o momento pelo qual passa a economia brasileira, que também se reflete significativamente sobre o jovem, tem levado o idoso a assumir papéis familiares para os quais nem a literatura, nem as Políticas Públicas estavam preparadas. Dessa forma, percebe-se que a associação entre o envelhecimento e o aumento da responsabilidade da família e do Estado não se dá de forma tão direta.

O envelhecimento populacional acelerado vem influenciando o consumo, a transferência de capital e propriedades, os impostos, pensões, o mercado de trabalho, a saúde, a composição e organização da família.

As transformações econômicas, especialmente no que se refere ao mercado de trabalho, refletem sobre as relações familiares. Elas alteram a dinâmica das trocas relacionais e afetivas entre os diversos membros dos

grupos familiares. No entanto, e ao mesmo tempo, fazem surgir novos papéis limitam a capacidade da família de funcionar como instituição de assistência.

A perda da capacidade assistencial da família e a politização de assuntos antes privados impõe novas formas de organização dos indivíduos em unidades de convivência diferentes da família nuclear estável. Alguns desses arranjos não são adequados para os valores vigentes em determinados modelos de sociedade.

Dentre as novas expectativas estão a liberação das mulheres do trabalho doméstico, ou da responsabilidade exclusiva por ele, da educação dos filhos e da ocupação do tempo livre fora do domicílio, da atenção aos idosos sob a perspectiva da longevidade e da diminuição do tamanho das famílias.

Ao longo dos anos a sociedade vem criando diversos tipos de unidades de convivência, principalmente nas grandes cidades. Muitas vezes, estas novas formas de organização são importantes para viabilizar o modelo de sociedade vigente. É o caso das repúblicas de estudantes que se estenderam aos profissionais em início de carreira, das moradias em flats e similares, de mulheres que cuidam de várias crianças de famílias pobres, enquanto as mães trabalham, como uma babá coletiva e informal, dos escritórios em domicílio, etc.

Por isso, investigar o papel desempenhado pelo idoso, que no passado vivia em famílias cujos papéis eram fixos e previsíveis, se tornou imperioso. Atualmente, com a desconstrução desse modelo de família, os papéis foram alterados e as posições ocupadas por homens e mulheres, pais e filhos, avós e netos desdobraram-se em mudanças significativas nas relações intergeracionais.

A DINÂMICA NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

O desejo incontrolável de conhecer, de publicar, de estudar as condições do idoso junto à família, contando com o apoio da sarapituca. O maior beneficiado da tal da sarapituca é o velho. Estamos caminhando para chegar na condição do corvo.⁴

⁴ Dito por Vera Lucia Valsecchi de Almeida. “Sarapituca” significa, para ela, “estalos” que permitem descobertas, saltos e sínteses.

É incontestável que as relações familiares são essenciais nas diferentes culturas. Com o aumento da expectativa de vida da população, com as famílias cada vez mais reduzidas e com as crescentes demandas de trabalho e de sobrevivência, a questão da relação entre o idoso e da família torna-se cada vez mais atuais.

Entender a velhice em meio às relações intergeracionais é um modo desmistificado de olhar o envelhecimento. As possibilidades de se obter uma longevidade saudável e com qualidade está centrada exclusivamente no indivíduo. Na visão antropológica, o envelhecimento tem sua especificidade. Conforme afirma Alves (2006:68), *é no “conjunto de relações sociais entre gerações, nas quais as dimensões de gênero, classe social, posição social na família, tem um papel na conformação de seus significados”* que podemos compreender esta especificidade.

As gerações são interpretadas como mudanças de comportamento conjunturais de uma determinada coorte; essas mudanças ocorrem através de hábitos e costumes que transcendem a estrutura familiar, incorporando as mudanças sociais. A coorte é determinada por categorias presentes na sociedade e na natureza dos grupos etários. A cultura e o processo biopsicossocial interferem na organização da sociedade, promovendo um discurso característico.

Debert (1998:50), ao referir-se às armadilhas existentes nas representações e nas práticas referentes ao envelhecimento social, afirma que “*a velhice não é uma categoria natural*”. As representações da idade adquirem significados específicos construídos em consonância com os contextos histórico-sociais e culturais em que estão inseridos.

Ressaltamos que, do ponto de vista antropológico, a velhice é representada pela posição social e pela receptividade dos jovens para com os velhos, num determinado contexto histórico, cultural e social, sendo analisado pelas etapas da vida, tais como infância, adolescência e juventude.

Embora haja uma diferença de tratamento nas diferentes etapas da vida, essas são freqüentemente interpretadas a partir de referenciais biológicos; como símbolos e rituais que explicam e limitam a passagem da idade e que não são iguais em todas as sociedades.

A criação da terceira idade é recente. Ela é concebida como uma nova etapa da vida onde o indivíduo elabora rituais de passagem da vida adulta para a velhice, carregando os estigmas da solidão e da marginalização. As categorias de idade incluem uma dimensão política, envolvendo disputas e redefinição do poder junto aos grupos sociais distintos que se transformam a cada etapa do ciclo vital.

A caracterização da realidade social específica provoca uma ruptura na conjuntura social, instituindo direitos e deveres, prescrevendo a distribuição de privilégios e poderes entre as gerações.

Debert afirma que

Categorias e grupos de idade implicam, portanto, a imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos. (1998:53).

A autora lembra que

[...] Em todas as sociedades há, de algum modo, a presença de agrupamentos etários e que a consideração das idades; essas grades de idade não são as mesmas e guardam significados específicos a cada grupo social, devendo ser entendido em função do contexto histórico em que foram desenvolvidos. Constitui-se, então, uma crítica ao conceito de ciclos da vida que [...] estaria impregnado de uma visão essencialista, de caráter a-histórica da vida. (1999:37)

O curso da vida compreende os períodos da existência humana, em seus aspectos individuais, sociais e históricos.

Bassit defende que

[...] o estudo sobre o curso da vida vem se movimentando de uma tendência que divide o estudo do desenvolvimento humano em estágios descontínuos para um firme reconhecimento de qualquer ponto do curso da vida precisa ser analisado dinamicamente, como consequência das experiências passadas e das expectativas futuras, e de uma integração entre os limites do contexto social e cultural correspondente. (Apud DEBERT, 2000: 218)

Um olhar sobre a sociedade tradicional permite compreender os limites de idade através da divisão das etapas da vida.

Para Airès (1982:36), as discussões sobre categorias de idade socialmente construídas estão constantemente relacionadas à idéia da infância. Nas sociedades tradicionais não há separação evidente dos grupos etários, como ocorre hoje. Considerando a França medieval como referência, as crianças conviviam efetivamente com os adultos, desenvolvendo, muitas vezes, atividades laborais precoces. Foi a partir de então que observamos o processo de construção da infância, marcando um progressivo afastamento entre crianças e adultos. Ao longo do “tempo a infância” passou a ser estudado como uma questão específica.

Assim,

Roupas e maneiras adequadas, jogos, brincadeiras e outras atividades passaram a distinguir a criança do adulto. Instituições específicas, como escolas, foram criadas e encarregadas de atender e preparar a população infantil para a idade adulta. (Debert 1999:43).

Foi na França, no Século XII, que se desenvolveu a idéia da juventude como uma nova etapa da vida compreendida entre a saída da infância e o casamento: período de viagens e aventuras que se encerra com os acordos para o matrimônio, a substituição dos pais na gerência dos bens e no poder da família. Por essa via, a juventude não correspondia exatamente a uma faixa etária precisa, uma vez que a idade para o casamento era muito variável e, por sua vez, encontrava-se mais associada a fatores de natureza econômica que biológica. (Debert: 1999)

A criação da terceira idade é, como afirmamos anteriormente, um fato novo, datando da segunda metade do século XX. A terceira idade “empurrou” a velhice para idades mais avançadas. Isto confere à velhice uma dimensão essencial na composição da sociedade, principalmente quando consideramos que em determinadas épocas a idade cronológica tinha menor importância do que o *status* familiar.

Esse fato pode ser entendido como resultado das mudanças estruturais de uma economia feudal para o capitalismo centralizado no trabalho assalariado. O curso da vida sofreu influências em função do deslocamento da esfera familiar e privada, para a esfera pública.

A modernidade, ao estar associada ao desenvolvimento do capitalismo, da ciência e tecnologia e ao nascimento do Estado Moderno, acarreta um maior interesse em registrar, regular e disciplinar a vida das pessoas, quer por meio do desenvolvimento

das ciências humanas ou do corpo. A preocupação central na modernidade é periodizar a vida humana, institucionalizando as transições das pessoas da família para a escola ou o trabalho, instituindo a idade ideal para se casar ou se aposentar, entre outras. (...) a lógica da modernidade está fundamentada na uniformização das transições em uma grande variedade de contextos institucionais, bem como uma maior segregação de grupos sociais. Esse processo acarretou uma maior diferenciação no curso de vida, com limites claramente definidos por meio de idades cronológicas pré-definidas, que separam as diferentes fases da vida como a infância, a adolescência, e maturidade e as emergentes meia-idade e velhice. (Bassit, apud Debert, 2000:222)

Nas sociedades primitivas, a idade cronológica é utilizada apenas como critério de marcação de grupos; não expressa, assim, a importância semelhante no mundo moderno, onde o curso da vida possui características relevantes e os projetos de vida coletiva e individual são fatores primordiais.

Na sociedade contemporânea associamos a passagem da idade como “crises” ou “perdas”.

- ✓ Na puberdade, um momento muito significativo, a criança inicia sua passagem para a vida adulta.

- ✓ Na adolescência enfrenta-se a indecisão quanto à escolha profissional (“fase do vestibular”).

- ✓ No casamento, a “crise dos sete anos”, tão popularmente divulgada em nossa sociedade.

- ✓ Na idade adulta, a “síndrome do ninho vazio”, quando os filhos saem da casa dos pais para estudarem, casarem ou morarem sozinhos.

- ✓ Na aposentadoria, apreendida como a “entrada da velhice” e alimentando o estigma da “inutilidade”.

Essas crises são marcas ou momentos-chave no curso da vida; levam a uma interpretação onde discernimos os aspectos mais significativos e os valores básicos para a construção da sociedade moderna e destacamos a periodização do curso da vida.

A idéia de que os indivíduos são singulares, que são portadores de uma personalidade e vida interior, é motivadora do afloramento dessas crises. A passagem da idade é percebida como drama individual, a exemplo da “crise dos quarenta” ou “a idade da loba”, vividas como experiências únicas. As crises e os conflitos são internalizados com fatos individuais, não se pensa que está vivendo algo herdado culturalmente.

Na investigação dos conflitos intergeracionais, o contexto familiar é de suma importância. Ele é o espaço das emoções, da vida privada, da intimidade; é nele que os dramas acontecem. As relações de avós, filhos e

netos, bem como os agregados - noras, genros, sogros, sogras, enteados, padrastos e madrastas - são marcos importantes para se pensar a questão da interação entre eles.

A visão de mundo dos avós é própria de sua geração; viveram transformações significativas em suas vidas, em função das mudanças sociais. Quando envelhescentes, precisaram promover modificações na sua maneira de pensar, agir e de se relacionar com o mundo.

II

PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

MÉTODO QUALITATIVO

Apesar das perdas, das dificuldades, o idoso quer viver, mesmo sendo velho, sabendo que porque já viveu muito pode contar com a ajuda de sua experiência para viver mais plenamente.

Se o tempo é um horizonte de possibilidades, porque não tornar o envelhecimento um processo de desenvolvimento. (Medeiros,2003:189)

Esse trabalho foi delineado a partir da prática pessoal de mais de vinte anos atuando como assistente social e na área da saúde, em instituições de longa permanência, e na estruturação e reestruturação de vários centros de convivência de idosos. Nestes muitos anos constatamos que os idosos, através de relatos de suas trajetórias de vida, repensam seu ser e sua identidade.

Trilhando por esse caminho, nossa reflexão nos levou ao recurso da abordagem qualitativa, privilegiando as relações dos sujeitos com a família. Até por que, estudos do IPEA já concluíram que as famílias que possuem idosos entre os seus membros têm melhor qualidade de vida. Ao que Medeiros (2003;189) acrescenta: “[...] no Brasil o que se perde na velhice são, principalmente, as oportunidades”.

Nesta modalidade de pesquisa, o fenômeno social é apreendido como um fato múltiplo ou singular. O interesse do pesquisador volta-se, então, para a busca do *significado* das coisas, porque este tem um *papel organizador* nos seres humanos. O que as "coisas" (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, idéias, sentimentos, assuntos) representam dá forma à vida das pessoas. Por outro lado, os significados das "coisas" passam a ser culturalmente partilhados e, assim, organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos.

A escolha pelo método qualitativo prendeu-se ao fato de ser uma opção metodológica que utiliza, como recurso básico, a descrição. Recurso

que, por suas características, permite a flexibilidade, a abertura e a profundidade do estudo. Como afirma Minayo,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo e significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (1994;21-22)

Considerando que parte da entrevista possui dados sócio-demográficos - como idade, profissão, entre outros - através da abordagem qualitativa observamos a existência da relação entre estes dados e as questões norteadoras da pesquisa.

Segundo Minayo, “o conjunto dos dados qualitativos e quantitativos, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois, a realidade abrangida por eles, interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (2003: 22).

Esse ser dinâmico interage todo o tempo com o meio, modificando-o. Esta interação ocorre, muitas vezes, sem razões explícitas e sem intenção significativa, cabendo ao pesquisador analisar o sujeito em um contexto social específico, pertencente a uma geração, a um sexo, uma profissão e a filiações diferenciadas, para entender seu sentido, sua razão, sua organicidade e sua visão de mundo.

Neste trabalho partimos do levantamento de fontes secundárias e de referenciais teóricos que permitissem o delineamento da investigação. O levantamento feito permitiu compreender:

- ✓ os diferentes conceitos de pessoa idosa e o tratamento dado a esse grupo populacional, procurando entender o fenômeno da longevidade como se apresenta na atualidade;
- ✓ os desafios sociais e econômicos decorrentes do fenômeno da longevidade;
- ✓ as concepções de família e as transformações que essa instituição vem sofrendo;
- ✓ as relações de trocas – sociais e afetivas - que transitam no interior da instituição “família”; e
- ✓ a dinâmica dos papéis sociais que permeia o binômio família & idoso.

Em seguida, partimos para a pesquisa empírica, escolhendo como cenário o município de São José dos Campos, no Estado de São Paulo, no ano de dois mil e sete.

Embora residam atualmente em São José dos Campos, os protagonistas (sujeitos) não são naturais do município; suas cidades de origem encontram-se na tabela um. Foram selecionados a partir de algumas entrevistas piloto. Os critérios utilizados foram:

- ✓ um sujeito com família que reunisse, pelo menos, três gerações no mesmo espaço;
- ✓ um sujeito com vínculos familiares conservados, residente em instituição de longa permanência; e
- ✓ um sujeito cuidador de outro idoso.

Obs: Todos os sujeitos têm a capacidade cognitiva preservada.

A aproximação com os sujeitos se deu de forma direta e transversal, entre o pesquisador e o meio social em que vive.

Foram selecionadas as seguintes pessoas:

Tabela 1.

Nome	Idade	Profissão	Reside	Naturalidade
DUZILLA	99	INSPETORA DE ALUNO	INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA	Caçapava-SP
JANDIRA	68	DO LAR	TRÊS GERAÇÕES	São Paulo-SP
CAROLINA	60	ADMINISTRADORA HOSPITALAR	DUAS GERAÇÕES	São Paulo-SP

Os sujeitos acima receberam informações sobre a pesquisa e sobre a importância do tema e da colaboração deles nos estudos da longevidade; todos foram bastante receptivos e colaboradores, demonstrando que os são portadores de grande experiência e sabedoria. Assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 105).

Como instrumento da investigação utilizamos a técnica do gravador, para registrar na íntegra todas as falas do diálogo. Além de possibilitar a valorização dos diferentes registros, esta técnica contribui para a consciência histórica do indivíduo, através da interlocução entre passado, presente e futuro.

Entendendo que com *“a experiência, a estrutura é transformada em processo, e o sujeito é re-inserido na história”* (Thompson Apud ROJAS, 1999:88), adotamos, para a coleta das informações, o procedimento da entrevista individual em profundidade. Este procedimento proporciona a obtenção de todos os dados referentes a determinada pessoa, em todas as fases de sua vida, enfatizando a perspectiva do ator social.

O método da entrevista individual em profundidade define-se como *“é a arte de ouvir e registrar para se compreender os desígnios, sentimentos, aspirações e o cotidiano dos sujeitos situados”* (Portelli; 1997:23) no contexto familiar.

Acreditamos que a opção feita possibilita o resgate de padrões culturais e sociais individuais, uma vez que

Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. (Portelli, 1997: 17)

Segundo Turato (2005), a propriedade do método e o ambiente natural do sujeito são, inequivocamente, os campos onde ocorrerá a observação sem o controle de variáveis. O pesquisador é o próprio instrumento de pesquisa, usando diretamente seus órgãos do sentido para apreender os objetos em estudo, espelhando-os então em sua consciência onde se tornam representados para serem interpretados.

Estamos de acordo com Veras (2003) quando afirma que é o momento de, para além da descrição basicamente quantitativa do envelhecimento e das mudanças do perfil demográfico, cabe uma reflexão séria e consistente a respeito das mudanças culturais e sociais presentes nesta população.

Entende-se que cada ser humano é um ator social que se caracteriza pela participação no seu tempo histórico, em um certo grupo social, construído e construtor de uma cultura. Assim, o ser humano tanto é 'portador passivo de tradições', como construtor ativo de uma nova cultura,

portanto, uma fonte inesgotável de comportamentos acumulados e novos.
(MINAYO, 2000; BOURDIEU, 1973; GEERTZ, 1989 *apud* MUSSOLINI, 2007).

A organização e os assuntos apresentados aos sujeitos tiveram uma seqüência flexível que, direcionada pelo entrevistador, enfatizou o tema da investigação.

A entrevista define-se como uma “conversa com finalidade”; nela, o roteiro serve apenas como orientação, como baliza para o pesquisador, e não como instrumento de cerceamento da fala dos entrevistados (PARGA NINA, 1983 *apud* MINAYO, 2000).

As entrevistas individuais em profundidade seguiram um roteiro composto das seguintes indagações norteadoras:

- ✓ Quem sou eu?
- ✓ Onde estive?
- ✓ Com quem estou?
- ✓ Onde gostaria de estar?
- ✓ Para onde vou?

Ao término das entrevistas, as fitas foram transcritas para posterior análise e interpretação dos resultados. A partir da análise dos diálogos estabelecidos entre entrevistado e entrevistador, foi possível, conforme

Neves (2000: 115) *“produzir-se documentos que registram o que foi, como foi, o que deixou de ser e o que potencialmente pode vir a ser, tanto do ponto de vista individual como na perspectiva social e política”*.

III

O CENÁRIO

As Maravilhas

Imagine só: um menino de dez anos de idade, inteligente, vivendo entre a roça e a cidade, aprendendo sobre a natureza, ao vivo, brincando, convivendo com a família. Ao mesmo tempo conhecendo todas as novidades do começo do século vinte: eletricidade, automóvel, o cinema, gramofones, vacina contra a raiva, avião. Os mais velhos tomavam um susto! Os mais novos ficavam encantados. Seria mais ou menos o que acontece hoje. Com as crianças convivendo com computador, celular, televisão de tela plana, ônibus espacial, DNA, satélites de comunicação, Internet.

Naquele início do século vinte o garoto Cassiano Ricardo viveu as mudanças todas. Já adulto, o poeta colocou na sua poesia as muitas maravilhas que o acompanharam a vida toda. E dizia sou poeta porque nasci em São José dos Campos.⁵

Cassiano Ricardo⁶

⁶ Cassiano Ricardo (C. R. Leite), jornalista, poeta e ensaísta, nasceu em São José dos Campos, SP, em 26 de julho de 1895, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 14 de janeiro de 1974.

As origens de São José dos Campos remontam ao final do século XVI, quando se formou a “Aldeia do Rio Comprido”, uma fazenda jesuítica que usava a atividade pecuarista para evitar incursões de bandeirantes.

Porém, em 10 de setembro de 1611, a lei que regulamentava os aldeamentos indígenas por parte dos religiosos fez com que os jesuítas fossem expulsos e os aldeãos espalhados.

Os jesuítas voltaram anos mais tarde, estabelecendo-se em uma planície a 15 km de distância, sendo este o núcleo que deu origem à cidade que conhecemos e onde hoje encontramos a Igreja Matriz. Contavam com o clima agradável e uma posição estratégica em caso de invasões.

Novamente a missão passava aos olhares externos como fazenda de gado. Nesse período, a aldeia apresentou sérias dificuldades econômicas, em função do grande fluxo de mão-de-obra para o trabalho nas minas. Em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil, e todas as posses da ordem confiscadas pela Coroa. Na mesma época, assumiu o governo da Capitania de São Paulo Dom Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, conhecido como Morgado de Mateus, com a incumbência de reerguer a Capitania, mera coadjuvante num cenário em que Minas Gerais se destacava pela atividade mineradora.

Uma de suas primeiras providências foi elevar à categoria de Vila diversas aldeias, entre elas São José, com o objetivo de aumentar a arrecadação provincial. Em 27 de julho de 1767, mesmo antes de se tornar freguesia, a aldeia foi elevada à categoria de Vila, com o nome de “São José do Paraíba”, erguendo-se o pelourinho e a Câmara Municipal, símbolos que caracterizavam sua nova condição.

Entretanto, a emancipação política não trouxe grandes benefícios, permanecendo a vila em um longo período de marasmo até meados do século XIX, quando passou a exibir sinais de crescimento econômico, graças à expressiva produção de algodão, exportado para alimentar a indústria têxtil inglesa.

Após ocupar posição periférica no período áureo do café no Vale do Paraíba, através da chamada “fase sanatorial”, São José dos Campos ganhou certo destaque nacional, com inúmeros doentes procurando o clima da cidade em busca de cura para a “peste branca”, ou seja, a tuberculose pulmonar.

Estava sendo criada uma estrutura de atendimento - com pensões e repúblicas - quando, em 1924, foi inaugurado o Sanatório Vicentina Aranha, o maior do país. No entanto, foi somente em 1935, quando o município foi transformado em Estância Climatérica e Hidromineral, e com as medidas de “reerguimento do Vale”, tomadas pelo governo Vargas, que São José pôde

investir em infra-estrutura, principalmente na área de saneamento básico, que no futuro viria a ser um trunfo a mais para a atração de investimentos destinados ao desenvolvimento industrial.

Entre 1935 e 1958, o município foi administrado por prefeitos “sanitaristas” nomeados pelo governo estadual. Em 1958, o município ganhou autonomia para eleger seus prefeitos, perdendo-a novamente em 1967, durante o regime militar.

O processo de industrialização da cidade tomou impulso a partir da instalação do Centro Técnico Aeroespacial – CTA, em 1950, e da inauguração da Rodovia Presidente Dutra (1951), cortando a parte urbana de São José dos Campos. Nas décadas seguintes, com a consolidação da economia industrial, São José dos Campos apresentou um crescimento demográfico expressivo que também acelerou o processo de urbanização no município.

Entre as décadas de 1970 e 1980 o município de São José dos Campos atingiu o auge do seu desenvolvimento industrial e econômico, atraindo indústrias de médio e grande porte. Na falta de mão-de-obra qualificada local, a vinda das indústrias também provocou o aumento da imigração tanto de paulistas, como cariocas, mineiros e nordestinos. Um fenômeno interessante é que essa população se aglutinou em bairros como “dos mineiros” (região norte) e “dos nordestinos” (região sul), ficando na

região central uma população plural que engloba pessoas das mais diversas partes do país e do mundo.

Não por acaso, os protagonistas desta investigação são todos “forasteiros” que adotaram o município como sua terra natal.

IV

OS PROTAGONISTAS

**O segredo é não correr atrás das
borboletas**

**É cuidar do jardim para que elas
venham até você.**

Mário Quintana

Nessa parte do trabalho, necessário se faz dar ênfase aos protagonistas dessa investigação, ou seja, nossas estrelas principais: os idosos.

Cabe salientar, desde logo, que as entrevistadas não quiseram manter seus nomes no anonimato. Por isto, serão mencionadas a partir dos nomes verdadeiros.

- ✓ **Carolina**, sessenta anos, branca e solteira. Nasceu na capital paulista, vive com sua mãe de oitenta e cinco anos e com diagnóstico de Alzheimer. É católica, tem um irmão e dois sobrinhos.

- ✓ **Jandira**, sessenta e oito anos, branca e casada. É paulistana e mãe de três filhas. Tem seis netos e três bisnetas. Convive com seu esposo, com quadro de Alzheimer, a filha mais velha e dois netos, com a síndrome do X frágil⁷.

- ✓ **Duzilla**, noventa e nove anos, branca e viúva. Nascida em Caçapava, tem um filho já falecido, três netos e três bisnetos. Reside em uma instituição de longa permanência.

⁷ Síndrome de natureza genética, com características dinâmicas, que provoca a deficiência mental leve ou moderada.

V
RESULTADOS E ANÁLISE

ATITUDE MODESTA

Realize suas tarefas sem precisar chamar a atenção sobre si mesmo. Reconheça que fazer as coisas com zelo e carinho já o enchem de satisfação.

Sônia Café

A análise dos resultados obtidos baseia-se nas entrevistas realizadas junto aos idosos selecionados. As mesmas foram norteadas pelos tópicos do roteiro anteriormente mencionado e, posteriormente, as gravações foram transcritas.

Duas das entrevistas foram realizadas nas residências dos sujeitos. A terceira, por se tratar de residente em uma instituição de longa permanência, foi ali desenvolvida.

A presente investigação teve por central investigar as relações dos idosos e seus familiares; relações filtradas pelo olhar do próprio idoso. Paralelamente, procurou-se identificar os diversos tipos de relações entre os idosos e seus familiares levantando, junto aos entrevistados, os papéis desempenhados por eles e pelos outros componentes do grupo familiar; ou seja, a circularidade desses papéis na família e como os sujeitos, como idosos, se situam nestas relações.

No que se refere à questão de gênero, nossa leitura não difere do que a literatura vem largamente divulgando: a predominância do sexo feminino na população idosa; nesta população, o contingente de mulheres com mais de sessenta anos ultrapassa, em muito, o de homens. Na seleção dos nossos protagonistas só encontramos mulheres que atendessem aos critérios estabelecidos.

No entanto, quando se trata do estado civil houve uma considerável diversidade, pois cada uma está em uma condição diferente – solteira, casada e viúva. Cada uma delas mantém sua independência e autonomia, o que pode ser confirmado em suas declarações:

“Me preparei economicamente para garantir minha velhice e procurei uma instituição, não asilo, para terminar o resto dos meus dias e dar sossego para minha nora”. (Duzilla)

“[...] eu tive sorte, não vou dizer que não tivemos problema, um bom marido que não é ambicioso, não é um bom administrador, eu tenho que estar na frente fazendo, administrando, [...]” (Jandira)

“Sou uma pessoa alegre, gosto da vida, tenho de vontade de viver, gosto que coisas dão certo, estou devendo muito pra mim, em vários aspectos, não sei se vou conseguir nessa vida ou na outra, tenho noção [...]” (Carolina)

Entretanto,

É uma estranha liberdade, a de todas elas. Estranha, pela dupla valência: como liberdade de gênero, assinala-se positivamente – mulheres que podem circular, viver conforme sua vontade; mas como liberdade geracional, e, sobretudo existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair, porque já não importam tanto: já não são bonitas (velho = gasto, feio), não irão atrair os homens, nem os de sua idade, já não reproduzem, não há muito o que preservar. (Motta, 1998:233)

A citação acima pode ser identificada nas falas que se seguem:

“Estou sozinha, de verdade, tenho plena consciência que estou sozinha, tenho minha mãe pra cuidar meu irmão meus sobrinho, cada um tem sua vida, não quero interferir na vida deles, a minha vida é cheia de concessões, tenho que ajudar minha mãe, tenho consciência que sou sozinha, eu não tenho ninguém não sou casada, não tenho filho, não estou não sou”.
(Carolina)

“[...] quem cuida de mim são meus netos, depois que eu perdi tudo, todos os meus irmãos, meus amigos, a velhice é triste, a gente carrega muita tristeza e solidão. Desejo ir também embora já vivi muito”. (Duzilla)

“Também morei no litoral, três anos contra minha vontade, morava em São José sem gostar, aí tive que ir para Caraguá tinha dia que não falava bom dia, pois não tinha ninguém na cidade, quando era inverno a sensação que eu tinha que aquela montanha ia me engolir, as montanhas fechadas, lá é muito triste [...]”
(Jandira)

Quanto aos aspectos religiosos, pudemos observar uma forte tendência das entrevistadas em declararem-se inicialmente como católicas, embora, no decorrer do diálogo, percebêssemos uma forte inclinação ao espiritismo. Todas se apresentam como pessoas solidárias e que têm, como projeto de vida, continuar ajudando as pessoas carentes, o que de certa forma confirma a influência da igreja na sociedade. Por outro lado, percebe-

se que esse movimento de solidariedade é um paliativo para minimizar as conseqüências do estigma da “inutilidade” e do abandono que acompanham o processo de envelhecimento nessas mulheres.

A idade cronológica é um fator social significativo. Entretanto, nesta investigação, observamos que a despeito das diferenças etárias houve muita similaridade entre as histórias da pessoa com sessenta anos e aquela com noventa e nove anos, especialmente no que tange às características de suas genitoras, todas matriarcas autoritárias.

O preconceito, em seus diversos aspectos, aparece nos relatos:

“A gente morava em Santo Amaro, viemos pra cá por causa do serviço dele e da vergonha de minha filha solteira ter engravidado, o pai não quis assumir e ficava amolando, e viemos embora pra cá.” (Jandira)

“Papai e eu somos claro, eu puxei a ele” (Duzilla, cuja mãe era morena)

Cada um dos entrevistados, com suas peculiaridades, apresentou disponibilidade em contribuir com a presente pesquisa, e declarou, ao final do encontro, o quanto foi prazeroso o exercício da entrevista, o que também foi demonstrado pela riqueza de detalhes nos relatos.

De acordo com Medeiros

A vida não é apenas uma sucessão de eventos. O futuro é construído de nosso passado e do nosso presente. O que um dia fomos permanece conosco, e a este cabedal vamos acrescentando vivências, conhecimentos, experiências. (2003:187)

Como essa investigação também teve por objetivo a reflexão sobre as conseqüências das relações intergeracionais no binômio família-idoso e a circularidade dos papéis na perspectiva do idoso, relatamos a vivência, o conhecimento e as experiências dos entrevistados nesse aspecto.

Em seu relato, **Duzilla** conta sua história de vida para apresentar os seus conhecimentos e as modificações experimentadas pela família, aliadas às transferências de papéis e às mudanças sociais.

- ✓ Ao perder o pai aos oito anos foi deixada, pela mãe, sob os cuidados da irmã mais velha, que já era casada e mãe de dois filhos. Sua mãe tomou essa atitude em função da extensão da família nuclear e da exigüidade de recursos financeiros. Isso fez com que ela se tornasse “filha” da irmã e, simultaneamente, passasse a ser a “mãe” de seus sobrinhos, a ponto deles chamarem-na de “mãe”. Ressalte-se que hoje, um deles, tem diagnóstico de Alzheimer.

- ✓ Na atualidade, convivendo em residência coletiva, assume o papel de “filha” de seus netos e nora, a ponto de, no Natal de 2006, um de seus netos foi o seu “papai-noel” a lhe trazer o presente, sendo que

anteriormente, segundo seu relato, ela colocou o sapatinho na janela, como sempre ensinou ao “sobrinho-filho”.

Carolina, por sua vez, mostra-se indiferente ao processo de envelhecimento, porém também tem experiência de trocas de papel, quais sejam:

- ✓ Ao perder o pai, aos oito anos, foi colocada, junto com o irmão menor, sob os cuidados de uma tia, em virtude dos transtornos emocionais decorrentes da viuvez precoce da mãe. Passou, então, a desenvolver o papel de “filha da tia” e “mãe do irmão”.
- ✓ Nos últimos cinco anos, após o diagnóstico de Alzheimer da mãe e em razão de todas as conseqüências trazidas por esta patologia, passou a assumir o papel de “mãe da mãe”, o que a deixa muito angustiada.

Em sua fala, **Jandira** apresenta características mais complexas, carregadas de muito zelo, culpa e auto-suficiência.

- ✓ Primeiramente teve a experiência de cuidar de sua mãe demenciada até sua finitude, posteriormente viveu a mesma cena com a situação de seu pai no mesmo ano, ou seja, passou a ser mãe de seus pais.

- ✓ Em meio a esses turbilhões emocionais, acumulando perdas, dor e o sofrimento característico da finitude, vivenciou o papel de mãe de dois dos seus netos, cujas mães - uma solteira e outra divorciada – trabalhavam o dia todo. Ressalte-se que um dos netos já apresentava dificuldades de aprendizagem.

- ✓ Atualmente seu marido apresenta um quadro inicial de Alzheimer, recusando o tratamento em função da dependência química “etílica”. Ela já passa a exercer o papel de mãe dele. Fora isso, ainda convive com a filha e dois netos que têm deficiência mental de caráter genético. Ressalte-se que, em se tratando de uma característica genética, isso faz com que Jandira carregue uma grande culpa pela condição dos netos. Não se declara mãe desses netos, porém, em suas atitudes, freqüentemente atrai para si essa maternidade. Tanto que nos relata a importância de ter participado da comemoração em homenagem às mães na escola de seu neto.

Através dos relatos percebemos como as conseqüências da longevidade, em toda a sua complexidade, promovem transformações tanto individuais, como intrafamiliares e na sociedade como um todo, somando a sabedoria, a experiência dos idosos e toda a articulação externa que se faz necessária para a convivência sócio-cultural.

VI

APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

ATITUDE TOLERANTE

Trabalhe em prol da comunicação clara de suas percepções a fim de evitar desentendimentos quando já é tarde demais.

“Sônia Café”

O envelhecimento tornou-se um problema social em função dos seus reflexos nas atividades econômicas, afetando a estrutura financeira tanto do Estado, como da família.

Com este trabalho nos aproximamos do universo do idoso, com todas as suas peculiaridades, tendo a oportunidade de conhecer e refletir sobre suas relações familiares, sempre a partir do ponto de vista do ser idoso.

O aumento da longevidade, conjugado com fatores econômicos, reflete significativamente sobre o jovem, o que tem levado o idoso a assumir papéis para os quais nem a literatura, nem as políticas públicas estão preparadas. Dessa forma, percebe-se que a associação entre o envelhecimento e o aumento da responsabilidade da família e do Estado não se dá na mesma proporção.

A pluralidade dos papéis desempenhados pelos idosos em suas trajetórias de vida, bem como a circularidade desses papéis, uma vez que a família não possui, hoje, um modelo fixo, mas dinâmico, para contemplar os diversos arranjos de família existentes, esteve presente em todas as entrevistas.

Entretanto, mesmo com todas as transformações e as diferenças, as famílias continuam sendo provedoras e cuidadoras do grupo social e das pessoas que se relacionam entre si.

Em seus relatos, as idosas trouxeram à tona a importância de preservar os vínculos e o convívio familiares, especialmente com outras gerações, uma vez que esse convívio promove a troca de experiências e informações e, além de contribuir para a manutenção das tradições.

Por outro lado, o convívio intergeracional contribui para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, especialmente da saúde, pois enquanto se ocupam com os jovens e participam de suas atividades não têm espaços internos para a ociosidade que, via de regra, reafirma negativamente os estigmas da velhice, tais como: inutilidade, “peso morto”, “de hora extra no mundo”, dentre outros popularmente conhecidos.

Nos relatos ficou claramente explicitado o amor entre pais e filhos. Porém, é um sentimento reprimido, que só foi possível perceber através da observação do pesquisador.

Outro fato que queremos destacar é o apego que as entrevistadas demonstraram ter por objetos de valor pecuniário insignificante, porém com um valor estimativo muito grande para elas.

Por outro lado, percebe-se que as entrevistadas negam claramente a velhice, apesar da idade. Fazem planos para o futuro:

“[...] isso não faz parte do pensamento, queria estudar, quero estudar, não quero ficar pensando na idade, pra

que pensar na idade, você tem que pensar no que você quer fazer, pra que pensar na idade[...]. Carolina

Nesse aspecto **Jandira**, referindo-se aos grupos da 'Terceira Idade', afirma:

“[...] gostaria de fazer uma viagem, mas não com esses grupos, um monte de gente [...]” ,

Em todas as entrevistas percebeu-se que a morte não é um “fantasma” a rondar suas vidas, pois demonstraram muita tranquilidade diante desse fato. Tanto que **Duzilla** diz:

“Desejo ir também embora já vivi muito”. Enquanto que Jandira afirma “[...] missão cumprida, se eu for amanhã eu acho que eu fiz tudo que eu precisava ter feito”.

Carolina afirma:

“[...] se eu morrer eu tinha uns planos não fiz, a Carol tinha uns planos. Realizou uma parte não tem que ficar pensando”. . .

As entrevistas deixam transparecer que os arranjos familiares são, de certa forma, ferramentas para a manutenção dos papéis e para que elas mantenham a autoridade; enfim são mecanismos de sobrevivência.

“[...] a minha mãe ficava brava, então eu tinha que controlar tudo isso, não é fácil, hoje estamos em três gerações eu e meu marido, minha filha e meus dois netos, hoje está mais fácil, uma que os meninos por causa da deficiência deles... eles não reivindicam muita coisa, o problema deles é diferente”. (Jandira)

É interessante perceber que a nossa entrevistada mais vivida (Duzilla, noventa e nove anos) preparou-se para a velhice, na perspectiva de manter-se independente, preservando sua autonomia.

“... e juntei dinheiro para garantir uma velhice saudável, e tenho mesmo saúde, minha vida não foi fácil...”.

BIBLIOGRAFIA

ATITUDE RACIONAL

Leia um bom livro no qual você encontre idéias para educar o pensamento e desenvolver a imaginação criativa.

Sônia Café

ALMEIDA, Vera Lucia de Valsecchi. **Direitos Humanos e Pessoa Idosa**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

_____. “Velhice e Projeto de Vida: possibilidades e desafios”. In: **Velhice, Envelhecimento e Complex(idade)**; MERCADANTE, E. et all (orgs.); Vetor Editora; São Paulo, 2005.

_____. **Programa e Serviços de Proteção e Inclusão Social dos Idosos**. Brasília; IEE/PUCSP e MPAS.

AMIM, Samir e HOUTART, François. **Mundialização das Resistências: o estado das lutas** -. São Paulo, Cortez. 2003.

ARAÚJO, A.M.C. (Org.) **Trabalho, Cultura e Cidadania**. São Paulo. Ed. Scritta.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. – Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1973 -1986.

BARROCO, Maria Lucia e BRITES, Cristina Maria: **Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos** In: *Temporalis*, Ano III, n. 5 Janeiro a Junho de 2002. Brasília: ABEPSS, 2003.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Autoridade & Afeto - avós, filhos e netos na família brasileira**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

_____, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Bassit, Ana Zahira, **O curso da vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós modernidade**. In: DEBERT, Guita Grin; Goldstein, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, Peter, L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade** – 5. ed – Petrópolis: Vozes, 1983.

BERMAN, M. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo, Cia. Das Letras.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7ª. ed. São Paulo; Companhia das Letras, 1999.

BRASIL, Lei Federal 8.742, de 7 de dezembro de 1993 – **Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS**.

_____. Federal 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Política Nacional do Idoso cria o Conselho Nacional do Idoso.**

_____. Decreto 1.948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei n. 8.842 de 4 de janeiro de 1994 - **Política Nacional do Idoso.**

CAFÉ, Sônia. **O Livro das Atitudes.** – São Paulo: Pensamento. 1992.

CAMARANO, Ana Amélia. **Como vive o idoso brasileiro?** São Paulo, Ipea, 1999.

CASEY, James. **A História da Família.** – São Paulo: Ática. 1992.

CASTILHO, Tai. **O idoso fragilizado e a família: representações, preconceitos, conflito e solidariedade.**

CLEMENTE, E e JECKEL NETO, E. A. **Aspectos biológicos e geriátricos do envelhecimento.** 2 ed. EDIPUCRGS. Porto Alegre. 2002.

COSTA, Elisabeth Maria Sene. **Gerontodrama – A Velhice em cena.** – São Paulo: Agora, 1998.

COUTINHO, Maria Lúcia. **Transmissão Geracional e Família na Contemporaneidade.** In BARROS, Myrian Lins de. **Família e Gerações.** - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DEBERT, Guita G. **A Re-Invenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento.** 1. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DURHAM, Eunice R. – **Família e Reprodução Humana.** In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher** – Rio de Janeiro, Zahar Editores.

FREIRE, Regina Célia Torres – **Investigação sobre a dor em idosos submetidos a tratamento fisioterápico.** – Dissertação de Mestrado em Gerontologia. São Paulo : PUC, 2007

FERNANDES, F. S. **As pessoas idosas na legislação brasileira:** direito e gerontologia. São Paulo: LTr, 1997.

GALLIANO, Alfredo Guilherme; **Introdução à Sociologia.** Editora Harper & Row do Brasil Ltda. São Paulo, 1981.

GEERTZ, G. **A interpretação das culturas.** Rio de janeiro, LTC.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Velhices fragilizadas: espaços e ações preventivas.** In: Vários Colaboradores. **Velhices: reflexões contemporâneas.** São Paulo : SESC : PUC, 2006.

GOLDIM, José Roberto. **Tratado de Geriatria e Gerontologia** - Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2002.

GOLDIN, José Roberto in **Bioética, Relações Familiares e Envelhecimento** em <http://www.ufrgs.br/bioetica/gerfam.htm> . Consultado em 30 de abril 2007.

GORDILHO, Adriano... [et al.]. **Desafios a serem enfrentados no terceiro milênio pelo setor saúde na atenção integral ao idoso.** – Rio de Janeiro: UnATI, 2000.

GOMES, Cardoso Maria Rita. **Idosos de Hoje, Atletas Olímpicos do Passado.** Dissertação de Mestrado em Gerontologia, São Paulo PUC- 2005.

HAGUETTE, T. M. Frota. **Metodologia qualitativa na Sociologia.** São Paulo: Vozes, 1987.

HART, Louise. **A Família moderna: uma reflexão sobre desenvolvimento de uma relação madura e saudável entre pais e filhos.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

HERÉDIA, Vânia Beatriz M.; CASARA, Miriam Bonho. **Tempos Vividos – Identidade, Memória e Cultura do Idoso.** – Caxias do Sul : EDUCS, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. *Banco de Dados Agregados.* Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2002 e 2003.

KARSCH, Úrsula Margarida S. (Org.). **Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores** – São Paulo: EDUC, 2004.

LAKATOS. Eva Maria; **Sociologia Geral.** 5. ed. - São Paulo: Editora Atlas, 1985.

LEONARD, Hayflick: **Como e porque envelhecemos.** Tradução. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1996.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. **Antropologia Estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LÓPEZ AZPITARTE, Eduardo. **Idade Inútil? Como se preparar para tirar proveito da velhice.** – São Paulo: Paulinas, 1995.

MERCADANTE, E.F. A construção da Identidade e da Subjetividade do idoso. Tese de Doutorado, PUC/SP, Mimeo, 1997.

MINA, Gianni (Org). **Um outro Mundo é possível**. Rio de Janeiro. São Paulo. Record 2003.

MINAYO M.C.S. A Entrevista. In : O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2000.

MINAYO, Maria Cecília (Org); DESLANDES, Suely F.; NETO, Otávio Cruz e GOMES, Romeu. **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Violência contra Idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria** – Brasília: Secretaria Especial dos direitos Humanos. 2004.

MUSSOLINI, Cláudia Cristina. **Envelhecimento e Auto-eficácia: dispositivos assistivos desenvolvidos e adaptados pelos idosos**. - Dissertação de Mestrado em Gerontologia. São Paulo : PUC, 2007.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num País de Jovens – Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos** – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

NEVES, Lucilia de Almeida. **A Voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista**. In: Xth International Oral History Conference. Proceedings vol.3. Rio de Janeiro: CPDOC, FIOCRUZ, 1998.

Palestra **O idoso fragilizado e a família: representações, preconceitos, conflito e solidariedade**; Seminário Velhice Fragilizada – SESC – Avenida Paulista – Novembro 2006.

PAPALÉO NETTO, M. Questões metodológicas na investigação sobre velhice e envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al (Ed.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ótica na História Oral**. In: Projeto História, I5. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História. PUC-SP - São Paulo, 1997.

QUINTAS Fátima. **Novas mulheres, novas famílias**. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/docs/inps/deant/deant1.html>. Consultado em Fevereiro/2007.

RAMOS, L.R. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Cadernos Saúde Pública**, 2003, v.19, n.3, p.793-798.

Revista Kairós, Programa de Estudos Pós Graduação em Gerontologia, PUCSP. São Paulo, EDUC. 2002. nº1.

Revista Kairós, Programa de Estudos Pós Graduação em Gerontologia, PUCSP- **Caderno Temático: Estética e Envelhecimento**. São Paulo, EDUC. 2002.

Revista Kairós, Programa de Estudos Pós Graduação em Gerontologia, PUCSP – **Caderno Temático: Psicogerontologia: contribuições da Psicanálise ao envelhecimento** - São Paulo, EDUC. 2002.

Revista Kairós, Programa de Estudos Pós Graduação em Gerontologia, PUCSP. São Paulo, EDUC. 2003. nº2.

Revista Kairós, Programa de Estudos Pós Graduação em Gerontologia, PUCSP. São Paulo, EDUC. 2004. nº2.

Revista Kairós, Programa de Estudos Pós Graduação em Gerontologia, PUCSP. São Paulo, EDUC. 2005. nº1.

Revista Serviço Social & Sociedade, **Velhice e Envelhecimento**, 75-ano XXIV- Especial, São Paulo, Cortez, 2003.

ROJAS, Juana Eugenia Arias. **O indizível e o dizível na história oral**. In: MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa Qualitativa – um instigante desafio** – São Paulo, Veras Editora, 1999.

ROUDINESCO. Elizabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2002.

SADER, Emir. **A Vingança da história** - São Paulo, Boitempo, 2003.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice, uma nova questão social**, 2. ed. São Paulo, SESC-CETI, 1982.

SALVAREZZA. Leopoldo. **Psicogeriatría Teoría y Clínica. El Trabajo com Las Familias em la Clínica Psicogeriatrica**. Buenos Aires, Editora Paidós, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza - **O Fórum Social Mundial: manual de uso**. São Paulo, Cortez, 2005.

SENNET, R. **A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**, Rio de Janeiro, Record, 1999.

SEVERINO, A J. **Metodologia do Trabalho Científico**, São Paulo: Cortez, 1998.

TAMARO, Susana. **Vá aonde seu coração mandar**. – Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

TRINDADE, José Damião de Lima. **História Social dos Direitos Humanos**. São Paulo: Petrópolis, 2002.

World Health Organization. **Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde** – Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

WORSLEY, Peter. **Introdução à Sociologia** – Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1977.

ANEXOS

**“Nascer é uma probabilidade;
viver é um risco;
envelhecer é um privilégio”.**

Autoria desconhecida

TERMO DE CONSENTIMENTO

**Uma coisa é pensar no amanhã,
e outra coisa é pensar no amanhã,
não vivendo o dia de hoje.**

Pe. José Gilberto de Luna

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sr.^a

Solicito, por meio deste, seu consentimento para participar da pesquisa sobre o “Idoso e a Família: Investigação Sobre a Dinâmica dos Papéis Sociais”, por mim desenvolvida junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação da Prof^a Dra. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida.

Esclareço que sua participação é absolutamente voluntária e que pode desistir da mesma a qualquer momento. Caso aceite participar, seu nome será mantido em sigilo. Somente no caso de corresponder a seu desejo sua identidade será revelada.

Agradeço, desde logo, sua atenção e me coloco à inteira disposição para responder às suas eventuais dúvidas.

Entrevistado

São José dos Campos, /05 /2007.

Telefones para Contato:

(0XX12) 3942 6797 e 9703 6659

Lúcia Helena da Silva Zani

Pesquisadora

**Não me pergunte sobre minha idade.
Porque tenho todas as idades.
Eu tenho a idade da infância.
Da adolescência, da maturidade
e da velhice.**

Cora coralina.



Foto 1: Nascer do Sol em São José dos Campos



Foto 2: Sr.^a Duzilla, sujeito dessa pesquisa aos noventa e nove anos, seu neto e sua amiga com noventa e quatro anos.



Foto 3: Hospital Geriátrico "Vicentina Aranha", recentemente desativado.



Foto 4: Orla do Banhado – Ponto Turístico - Anos 1930 e 1940.



Foto 5: Orla do Banhado – Ponto Turístico – 2007.



Foto 6: Av. João Guilhermino nos anos 1930.



Foto 7: Av. João Guilhermino – nos dias de hoje.



Foto 8: São José dos Campos – à noite na atualidade.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)